

O HOMEM QUE VIROU SUCO: A SÍNTESE REESTRUTURADA DO TRABALHO

Luciana Marinho de Melo – Universidade Federal de Alagoas

Marcus Vinicius de Almeida Lins Santos – Universidade Federal de Alagoas

INTRODUÇÃO

Ao abordar o trabalho, fala-se numa atividade que está diretamente relacionada à própria concepção de humanidade e de natureza: a atuação do indivíduo sobre esta, modificando-a em seu benefício e instrumentalizando sua ação no seu ambiente como mecanismos para a obtenção de meios de existência.

No decorrer da existência humana, o trabalho teve sua origem e desenvolvimento intrínseco aos passos da própria evolução da humanidade, tomando configurações diferenciadas e complexidades até o estágio atual. Nas mais diferenciadas formações que assumiu esta atividade na historicidade do indivíduo, a exemplo, o modelo feudal, o modelo escravo, etc, o ponto mais crítico se mostra através da exploração do homem pelo homem, que toma intensidade crescentemente mais aguda.

Assim sendo, na busca pelo entendimento do mundo do trabalho, o presente artigo possui como base a tentativa de compreensão da centralidade que tomou o trabalho na sociedade: Como é possível atribuir tanta importância a apenas um fator constituinte da humanidade? Teria de fato o trabalho a centralidade indicada por Marx? O que torna o trabalho tão essencial para o surgimento, a manutenção e o desenvolvimento das sociedades humanas? Na elucidação dessas questões, os apontamentos feitos por Marx trazem consigo bases para construção do pensamento acerca do trabalho na atualidade neste texto, tentando uma aplicabilidade dessas considerações para a configuração que tomou o trabalho ao longo do curso histórico, especialmente no contexto atual. Nesse sentido, a intenção é de demonstrar como tais perspectivas estão sendo representadas no filme “O homem que virou suco”, de João Batista de Andrade, onde a trama se desenvolve a partir do personagem que não se adequa à forma de trabalho que lhe é imposta, tentando se manter enquanto trabalhador

livre, vendedor de cordéis, trazendo à luz um debate sobre a reestruturação do trabalho, que será posteriormente elucidado nesse texto.

Para embasar a centralidade que o trabalho tomou nos dias atuais, será usada a teoria marxiana, relacionando-a com autores que trazem a discussão para um quadro mais pertinente quanto a simbologia e conotação dos quais vestiu-se o trabalho ao longo das modificações nas formas econômicas e de relações humanas. O diálogo com esse autores permite uma maior amplitude na visão e abrangência que tomou a teoria de Marx para a relação entre capital-trabalho-indivíduo e que aplica-se em sua totalidade na realidade capitalista.

TRABALHO

Antes de iniciar uma maior discussão sobre o trabalho, faz-se necessário defini-lo, debruçar-se no este de fato significa. Já é de total importância, a partir deste ponto, afastar a concepção de emprego/trabalho assalariado que existe em volta da palavra trabalho. Embora não sejam necessariamente excludentes, são conceitos que, devem ser distinguidos para que se compreenda ‘o que Marx quis dizer sobre trabalho.’

Trabalho, para Marx, é a transformação da natureza realizada através das mãos do homem. Esta transformação se dá de diversas maneiras ao longo da história da sociedade humana: em determinados períodos de modo mais rápido, em outros, lento, porém sempre presente. Toda história humana está permeada pelo trabalho. Não é possível conceber qualquer grupo de indivíduos ou organização social que não realiza/realizava o trabalho para se manter. Arriscando uma tautologia, todos os produtos humanos são frutos destes mesmos. Somente por meio do contato com a natureza, e da transformação desta, é que os homens produzem os meios necessários para a sua sobrevivência. A elaboração de ferramentas (para a caça, por exemplo), moradia, ou até de produtos que não estão ligados intrinsecamente ao atender das necessidades mais básicas do seres humanos, possui um elo forte com o trabalho.

É importante ressaltar a peculiaridade da interação humana com a natureza. Diferente dos animais, os homens ao procurar seus alimentos na natureza, estão elaborando, de maneira subjetiva e prévia, modos para atingir tal feito. Há claramente um momento que antecede a prática da caça, e este momento é um momento subjetivo, idealizado. Os lobos, diferentemente, para citar apenas um exemplo, por mais

que pareçam possuir estratégias para capturar suas presas, agem primordialmente, seguindo seus instintos imediatos. Quando arquitetam mentalmente seus produtos, os homens visam atender alguma necessidade. Tal necessidade, ou a forma pela qual esse produto será utilizado/consumido, é chamada de valor de uso. A utilização destes frutos do trabalho humano não pode ser separada do processo de produção, pois se algo é mesma (por mais imediata ou supérflua que esta possa parecer). Partindo destas bases referentes ao trabalho, Marx, ao analisá-lo no mundo moderno, baseado em como ele se dá dentro das relações capitalistas de produção, fará um estudo profundo e crítico sobre o mesmo. Enquanto o único meio de gerar valor, o trabalho, na sociedade capitalista, assume uma forma que passa a corresponder não aos interesses do ser humano que o realiza, mas sim ao capital, submetendo-se a lógica de gerar lucro, independentemente das conseqüências que isso possa trazer para a sociedade.

Assim sendo, é importante entender como se é possível trocar duas ou mais mercadorias entre si para a compreensão das relações capitalistas. Tendo em vista que o que definirá o valor de cada mercadoria é a quantidade de trabalho nela inserida e conservada, e que para isto acontecer, é necessário que haja trabalho, o caminhar agora deve ser feito no sentido de buscar compreender de quais maneiras e a partir de quais mecanismos isso se dá sob o regime do capital.

Para que uma sociedade seja capitalista, o trabalho dela deve ser o trabalho assalariado. Ou seja, duas classes devem *obrigatoriamente* (mas não unicamente) constituir as relações econômicas: a classe burguesa, que é proprietária dos meios de produção e a classe proletária, que nada possui além da própria força de trabalho para vender. A burguesia, por ser dona dos meios que facilitam/permitem a produção das mercadorias e também por possuir capital suficiente para ‘fazer andar o processo produtivo’, enxerga-se no total direito de comprar a força de trabalho do proletário, que aparece enquanto ‘sujeito livre’, uma vez que tem a liberdade para escolher para quem trabalhará, ou, em outras palavras, para quem, para sobreviver, deverá vender a sua força de trabalho:

“Na medida em que a troca mercantil é regulada por uma lei que não resulta do controle consciente dos homens sobre a produção, na medida em que o *movimento das mercadorias* se apresenta independentemente da vontade de cada produtor, opera-se uma inversão: a mercadoria, *criada pelos homens*, aparece como algo que lhes é alheio

e os domina; a *criatura* (mercadoria) revela um poder que passa a subordinar o *criador* (homens).” (NETTO e BRAZ, Economia política: uma introdução crítica, p. 92)

As diversificadas formatações que assumiu a sociedade, e conseqüentemente seu plano econômico, possuem relação direta com as diferentes conotações simbólicas e significativas que o trabalho assumiu ao longo do curso histórico da humanidade, estando, entretanto, o trabalho sempre presente nas relações entre os indivíduos. Assim sendo, é importante aqui destacar que os períodos de transição econômica, ou principalmente os momentos de crise, foram decisivos para a construção da funcionalidade que possui atualmente o trabalho, especialmente no seu aspecto negativo.

Nos anos em que crises econômicas foram deflagradas, particularmente nas décadas de 60 e 70, o processo de trabalho foi submetido a questionamentos que partiram da própria classe trabalhadora. Este processo, entretanto, sofreu uma alteração estrutural viabilizada pelo próprio sistema capitalista, que acabou por fornecer uma nova “roupagem” na atuação do trabalhador, que passava agora a constituir-se como um elemento múltiplo, dotado de *polivalência*, capaz de executar uma gama de atividades desconexas entre si no seu espaço de trabalho:

“Criou-se, de um lado, em escala minoritária, o trabalhador “*polivalente e multifuncional*” da era informacional, capaz de operar com máquinas com controle numérico e de, por vezes, exercitar com mais intensidade sua dimensão mais intelectual. E, de outro lado, há uma massa de trabalhadores precarizados, sem qualificação, que hoje está presenciando as formas de *part-time*, emprego temporário, parcial, ou então vivenciando o desemprego estrutural.” (ANTUNES, Ricardo. . *O trabalho e os Sentidos*. Disponível em <http://www.itcp.usp.br/drupal/files/itcp.usp.br/ANTUNES%20TRAB%20SENTIDOS%20LUIZINHO.pdf>

Essa pluralidade que assumiu a atuação do trabalhador, agora inserido num plano de “qualificação” de seus potenciais profissionais, teve como conseqüência uma crescente intensificação dos processos seletivos os quais os indivíduos submetem-se na tentativa de obtenção de um vínculo empregatício. Isso gerou entre os trabalhadores uma espécie de competição desigual, pois nos setores onde a qualificação se torna pressuposto primordial para o alcance de um trabalho, acaba por restringir o

acesso de uma grande massa de pessoas a esses setores empregatícios, que são, é importante frisar, bastante numerosos.

Quanto a grande quantidade de trabalhadores que para obter seus meios de sobrevivência adentram no cada vez menos crescente rol dos trabalhadores industriais, sofre aquilo que Marx chamou de alienação, ou seja, tais trabalhadores não se sentem responsáveis pela produção de determinado elemento, de determinado produto. Esse estranhamento por parte dos trabalhadores pelas mercadorias que eles mesmos produzem, numa dinâmica industrial, pode gerar um sentimento de frustração pela inacessibilidade e pelo não-desenvolvimento de suas potencialidades em sua atividade, já que seu trabalho não fornece subsídios para que o indivíduo que fez determinada mercadoria tenha acesso a ela. Por exemplo, se um trabalhador que executa suas atividades numa montadora de carros, montando peças de automóvel num modelo de produção difundido a partir do toyotismo, seu emprego não lhe pagará o suficiente para que esta pessoa possua um carro cujas partes foram feitas por este mesmo trabalhador. Além de, obviamente, este não conseguir identificar quais carros são compostos pelas peças que ele monta.

Com isso, constata-se que não trabalha para si, mas para o grande industrial. Todavia, a manutenção da falsa ilusão de que o trabalhador é livre para escolher para quem trabalhar, acaba por criar a propagação de uma liberdade irreal, falsa: o trabalhador não é livre, mesmo tendo certa “mobilidade” quanto aos ambientes em que pode executar suas atividades, ele estará inserido num processo de alienação constante. Tal fato é bastante evidente na atual sociedade.

A centralidade do trabalho na sociedade atual está situada num plano de constante competitividade e mecanização da produção. Esse fato não exclui a mão-de-obra humana, mas isso gera um uso cada vez menor desta, que passa a ser mais criteriosamente selecionada.

Aí está o cerne desta competitividade desigual, pois como ter qualificação se isso se torna cada vez mais inacessível, impossibilitado para o trabalhador? Esse e outros fatores problematiza crescentemente a complexidade e disparidade da relação entre a (nova) organização do trabalho e o capital.

O HOMEM QUE VIROU SUCO: A SÍNTESE REESTRUTURADA DO TRABALHO

A reflexão e produção sociológica que se ocupa das categorias artísticas vem tomando dimensões consideráveis no campo da produção intelectual acadêmica. Tal fenômeno ocorre simultaneamente numa escala globalizada e no contexto brasileiro, se levada em consideração a produção dos grandes centros intelectuais europeus e norte-americanos, e a reflexão gerada no âmbito nacional. Essa tendência reflexiva elucida que os paradigmas artísticos já não são mais percebidos enquanto realizações estritamente técnicas, mas notadamente possuidores de significados que arregimentam em torno de si uma gama de simbologias, representações, sentidos e ideologias fornecidos subjetivamente.

Nesse sentido, o panorama evolutivo traçado pela produção artística cinematográfica a retirou de uma esfera substancialmente técnica e a caracterizou enquanto *linguagem*. Desde então, o processo pelo qual o cinema passou o caracterizou como a reunião de tecnologias que é atualmente, todavia, do mesmo modo que a esfera cinematográfica designava a seu conteúdo uma perspectiva técnica, simultaneamente o seu teor de comunicação ergueu um verdadeiro monopólio da linguagem: a sétima arte, aquela que reúne em si todas as outras expressões artísticas, acabou por dotar a sua produção audiovisual de produção de *sentidos*. Dessa forma, a projeção fílmica não tão-somente engloba aparatos tecnológicos, mas apreende uma pluralidade de forças comunicativas que revelam determinados recortes sob a ótica de diversos setores sociais.

A introjeção de sentidos se faz, do mesmo modo, substancialmente presente na produção fílmica do Brasil. Se levada em conta as diferenciações estéticas pelas quais atravessou a história do cinema nacional, tais sentidos adquirem conotações e projeções particularmente diferenciadas. Cada período da trajetória do cinema nacional é dotado de particularidades que figuram um sentido de projeção visual e audiovisual (do cinema mudo ao cinema falado) extremamente próprios e diferenciados entre si, a exemplo disso, tem-se a chanchada e seu humor popularesco em modelo de produção importado do americano; o cinema novo e sua linguagem politizada em tom de denúncia e ao mesmo tempo resgatando o “herói” nacional; bem como o cinema da retomada, elaborado como uma fusão de linguagens, estéticas e visões próprias da

contemporaneidade. Ressalta-se, todavia, que em diversos casos a apreensão desses sentidos se ocupa basicamente de categorias nacionalizadas.

Tendo como seu respaldo uma base empírica, o cinema se utiliza de uma infinidade de ferramentas para que a produção seja enriquecida com o máximo de elementos possível. Assim sendo, a abordagem dada a essa lacuna realista acaba por submetê-la a condição de *realidade reproduzida*, por ser recriada com instrumentos que são desnecessários no real.

Assim, tendo como foco de análise para este momento o filme *O Homem que virou suco*, se faz necessário promover algumas ponderações. A produção faz a representação de um nordestino cuja vivência está plenamente marcada pelo trabalho, em suas diversas formas e retratações. Paraibano, Deraldo sai de sua terra natal em direção à São Paulo no intento de conseguir trabalho para a sua sustentação. Sua trajetória na metrópole, no entanto, será fortemente marcada pelo reflexo que Severino, um operário nordestino que também rumou para a cidade grande, terá em sua vida.

Na tentativa de se manter na cidade, Deraldo abre mão de sua habilidade de fazer poesias e literatura de cordel para se arriscar naquilo que era, para os outros, “emprego de verdade”: trabalhar no mercado, na construção civil, na construção do metrô, na casa de madame. Sua vida, contudo, sofre reviravolta quando passa a ser confundido com um operário assassino de seu patrão, o cearense Severino. A trama filmica passa partir de então, a se empenhar na representação de como o trabalho tomou dimensões e roupagens diversificadas na trajetória de Deraldo, uma síntese de milhares de nordestinos que tentam a vida na cidade grande.

As formas que o trabalho assume não conseguem ultrapassar aquilo que está inserido no imaginário coletivo do que é, de fato, trabalho. Na trama da produção cinematográfica, isso fica claro em diversas passagens:

“Ser cantador e violeiro – para o poeta uma atividade digna e honrada como qualquer outra – aparece no interior do mundo da pobreza urbana, onde cada centímetro quadrado é disputado com violência, com ócio e divertimento. É a afirmação do trabalho como uma condição básica da vida humana, que as sociedades tradicionais parecem não reconhecer integralmente.” (NEVES, Frederico de Castro. *Armadilhas nordestinas: o homem que virou suco*. P. 89)

Na tentativa de se integrar no mundo do trabalho tal qual ele o é compreendido em seu meio, Deraldo se arrisca em empregos que o degradam fisicamente e onde o salário não é o suficiente. Num momento em que vê todas as suas possibilidades ceifadas por sua inadequação naquela esfera laboral, o personagem se entrega na busca de Severino, cuja sanidade sucumbira aos infortúnios desse mesmo mundo do trabalho. Nessa busca, Deraldo acaba se deparando com aquilo que temia acontecer consigo caso insistisse na adaptação de um globo que não lhe dava condições materiais e psíquicas para se manter. Consciente e munido com as arma que a burocracia lhe impusera, Deraldo volta a ser poeta, vendendo suas poesias pelas ruas de São Paulo.

CONCLUSÃO

É possível perceber que o trabalho, estando ele presente em todos os núcleos evolutivos da atividade humana, está atualmente sofrendo uma crescente modificação quanto a sua forma de atuar e o seu significado para o indivíduo. É imutável, entretanto, os quadros desiguais e de exploração que o sistema capitalista forneceu às atividades, amenizando isso através da utilização de aparatos repressores, ou mesmo de ilusão propagada por instrumentos apropriados por esse sistema, como por exemplo, a mídia.

Percebendo como destrincha a sua análise das relações de produção no sistema capitalista, tem que se notar que, mesmo tendo a elaborado há mais de um século atrás, Marx identificou mecanismos/processos que estão no cerne das relações sociais capitalistas e, apesar de poderem ora apresentar-se de uma forma, ora de outras, devido às mudanças que sofrem as sociedade humana, no decorrer de sua história, se algum dia fossem eliminados, deixando de serem praticados, impossibilitariam a manutenção o atual sistema de produção, tido como alguns como o único e último possível. Na esfera audiovisual, o mundo do trabalho é representado sob uma pluralidade óptica. O Homem que virou suco, todavia, apreende não somente uma síntese da reestruturação do trabalho, mas como tal fenômeno ocorre (ou deixa de

ocorrer) nas esferas sociais onde o trabalho, o emprego é vivenciado de diversas maneiras.

REFERÊNCIAS

- ✓ ANTUNES, Ricardo. *O trabalho e os Sentidos*. Disponível em <http://www.itcp.usp.br/drupal/files/itcp.usp.br/ANTUNES%20TRAB%20SENTIDOS%20LUIZINHO.pdf>
- ✓ MARX, Karl. *O Capital*. Vol 1
- ✓ MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Hucitec
- ✓ MARX, Karl. *Para a crítica da economia política/Introdução*. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Col. Os Pensadores)
- ✓ NETTO, José Paulo e BRAZ, Marcelo. *Economia política: uma introdução crítica*. 2.ed. – São Paulo : Cortez, 2007
- ✓ SOARES, Mariza de Carvalho e FERREIRA, Jorge (orgs). *A História vai ao cinema*. 2ª edição – Rio de Janeiro: Record, 2006

FICHA TÉCNICA DO FILME:

O Homem que virou suco (1980)

Direção: João Batista de Andrade

Produção: Assunção Hernandes

Roteiro: João Batista Andrade

Distribuidora do vídeo: Video cassete do Brasil

97 minutos

Com: José Dumont, Célia Maracajá, Renato Master, Ruth Escobar